

O QUE É A TEORIA QUEER? NOTAS INTRODUTÓRIAS DE UM SABER SUBALTERNO, SUBVERSIVO E CONTRA-HEGEMÔNICO

Cassiano Celestino de Jesus¹
Universidade Federal de Sergipe

Resumo: A moral não é queer. Nem a lei. Nem o direito. Isto é certo. Porém, a certeza tampouco é queer. O governo nunca é queer. Entretanto, dizer “nunca” não é nada queer. O gay talvez seja queer. Mas, afinal, o que é o queer? Provocativo e polêmico, o *queer*, como movimento e teoria, vem sendo ensaiado e contestado, internacionalmente e no Brasil. Mais do que traduções, classificações ou definições, o objetivo aqui é, de modo muito breve e didático, apresentar a vertente do pensamento conhecida como Teoria Queer, suas ideias-chave, conceitos e sugestões. Com este trabalho, esperamos compreender um pouco mais o desenvolvimento das investigações científicas sobre tal temática em nosso país.

Palavras-chave: Gênero; Teoria Queer; Judith Butler.

WHAT IS THE QUEER THEORY? INTRODUCTORY NOTES OF A SUBALTERN, SUBVERSION AND COUNTER-HEGEMONIC KNOWLEDGE

Abstract: Moral is not queer. Neither is the law. Nor rights. This is right. However, certainty is not queer whatsoever. The government never is queer. Although, to say never is not queer at all. Gay might be queer. But, after all, what is queer? Provocative and polemic, the queer, as a movement and theory, is being written and contested, internationally and in Brazil. More than translations, classifications or definitions, the goal here is, in a very brief and didactic way, to show the strand of thought known as Queer Theory, its keywords, concepts and propositions. With this paper, we hope to comprehend a little bit more the development of the scientific investigations about this thematic in our country.

Keywords: Gender; Queer Theory; Judith Butler.

Considerações Preliminares

Inicialmente, é importante destacar que não pretendo traduzir, classificar ou enquadrar o queer. Não existe uma definição absoluta, bem definida e imutável sobre esta vertente de estudos. O queer é plural. Ele transita e é heterogêneo. A ideia é possibilitar que pessoas (estudantes ou não), que não conhecem e não tem uma

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista de Iniciação Científica (CNPq-UFS) vinculado ao Projeto de Pesquisa *Idade Média e Teoria Contemporânea: Os Estudos de Gênero nas Dissertações e Teses de História Medieval nas Universidades Brasileiras (2000-2015)*, orientado pelo Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro (DHI-UFS). Email: cassianohistoria@gmail.com.

familiaridade com esta teoria, possam ter uma introdução e/ou alguns conhecimentos prévios sobre este campo de saber.²

A Teoria Queer questiona, provoca, gera desconforto, incômodo e, sobretudo, perturbação. Ela modifica o nosso olhar para pensar os corpos, as sexualidades e o gênero. Ela desestabiliza porque permite pensar “para além dos limites do pensável” (LOURO, 2015).

O impensável – leia-se uma sociedade não fundada na proibição das relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo - não está fora da cultura, antes dentro dela, apenas de forma dominada. É possível pensar de forma insurgente pelas bordas do social, na região que foi propositalmente forcluída dele e, muitas vezes, relegada até mesmo ao reino do abjeto. Emerge assim um pensamento queer, não-normalizador, uma teoria social não-heterossexista e que, portanto, reconhece a sexualidade como um dos eixos centrais das relações de poder em nossa sociedade (MISKOLCI, 2014, p. 17).

Antes de abordar os diversos aspectos pertinentes à Teoria Queer, contudo, será oportuno entender o que é “Teoria”. Dito de forma muito breve, podemos entendê-la como uma *visão de mundo*. É através de teorias que os cientistas e os estudiosos de qualquer área de saber conseguem enxergar a realidade, ou os seus objetos de estudo, de formas específicas, seja qual for o seu campo de conhecimento ou de atuação (BARROS, 2014, p. 41-42).

A teoria vem da ideia de ver, daquilo que pode ser conhecido. Assim, para início de conversa, podemos enxergar o queer como uma teoria que torce o nosso olhar; que propõe enxergar o mundo de uma maneira não normativa e que não aceita a divisão sexual dos sujeitos entre “normais” e “anormais”.

Penetrando na “Teoria Cu”³

As origens da Teoria Queer remontam ao fim da chamada Revolução Sexual, dos movimentos liberacionistas e gays e do curto período de despatologização da homossexualidade, retirada da lista de enfermidades da Sociedade Psiquiátrica

² Início o resumo com uma citação da Guacira Lopes Louro (2015), evidenciado o quanto incerto para ser o queer.

³ Em inglês, a palavra Queer significa “bicha”, “viado”, “estranho”, “anormal”, é uma ofensa, insulto. Não há na língua portuguesa uma palavra com teor depreciativo tão forte quanto “queer” para a língua inglesa (LUGARINHO, 2001, p. 41). É impossível traduzir o queer para a língua portuguesa, visto a complexidade deste termo em inglês. A experiência da tradução deve se conformar com a proposta desconstrucionista: reinterpretando, reelaborando, desconstruindo (LUGARINHO, 2001). Desta forma, quando falo em “teoria cu”, mais que uma tradução para o queer, talvez eu esteja querendo (re)inventar e/ou reelaborar uma tradição para nossos saberes de cucarachas, periféricos e marginais (PELÚCIO, 2014).

Americana em 1973. Foi em meio ao refluxo conservador detonado pela epidemia da AIDS (1970-1980) que pesquisadores/as de diversos países desenvolveram análises inovadoras sobre a hegemonia política heterossexual (MISKOLCI, 2014).

O pesquisador Richard Miskolci⁴ evidencia que existem várias formas de pensar sobre o que é o queer. Ele/a tem uma origem multisituada, global. O queer não é só norte-americano, diversos pesquisadores/as de vários países contribuíram para a sua composição. Além disso, o autor não compreende a teoria queer como uma vertente de estudos estrangeiros que veio nos colonizar.

Assim como ele, o historiador Fernando Benetti, se opõe a uma concepção que entende a teoria queer como um conhecimento que veio nos colonizar pelos EUA. Em seu trabalho de monografia, o autor evidencia que bem antes da emergência desses estudos no Brasil, por aqui já se desenvolvia pesquisas com interpretações do que se convencionou a chamar de queer. Benetti, cita, por exemplo, o livro *O que é homossexualidade?* de Peter Fry e Edward MacRae (1985); Para ele, existem elementos ou pinceladas *queer* que podem ser percebidos no livro. Por exemplo, logo na introdução desta obra os autores afirmam que:

Desejos homossexuais são socialmente produzidos como são também produzidos desejos heterossexuais. Para nós, um, ou outro ou ambos têm o mesmíssimo valor e devem ser vistos com a mesma perplexidade normalmente apenas reservada para a homossexualidade (BENETTI, 2013, p. 17).

Para Benetti, este parágrafo está em consonância com os Estudos Queer, ao problematizar o caráter de normalidade da heterossexualidade e ao afirmar que as sexualidades devem ser interpretadas como construções sociais, possibilita afirmar que de fato, Fry e MacRae estão *queerizando* as sexualidades, estão problematizando o binarismo, e desconstruindo a heteronormatividade.

É possível afirmar que “*Teoria Queer*” é um rótulo que busca abarcar um conjunto amplo e relativamente disperso de reflexões sobre a heterossexualidade como um regime político-social que regula nossas vidas. Tratam-se de regulações sexuais e de gênero socialmente impostas que criam e mantêm desigualdades de toda ordem (MISKOLCI, 2014, p. 08).

O termo queer pode ser interpretado por estranho, excêntrico, raro e extraordinário. A expressão também se constitui na forma pejorativa com que são

⁴ Informação fornecida por Miskolci no I Seminário Queer, em São Paulo, em setembro de 2015.

designados homens e mulheres homossexuais. Este termo é assumido por uma vertente de movimentos homossexuais para caracterizar sua perspectiva de oposição e contestação. Para eles, queer significa ir contra a normalização, tendo como principal alvo a heteronormatividade (LOURO, 2001).

A Teoria Queer só ganha forma em 1991, com o artigo “Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities” de Theresa De Lauretis publicado na revista *Differences*. Neste texto, a autora utiliza pela primeira vez o termo “Teoria Queer” para designar um estudo que teria como objetivo descentralizar a heterossexualidade de seu lugar padrão e falar sobre aquelas/es que foram esquecidos, patologizados e medicalizados durante a história das sexualidades (BENETTI, 2013).

O Sociólogo Richard Milkolci afirma que é possível compreender Teoria Queer como um termo aberto, usado inicialmente nos Estados Unidos, pela já citada feminista italiana, Teresa De Lauretis, para apontar um olhar crítico e contra-normalizador que seria um denominador comum de uma vasta e diversa produção acadêmica que emergiria em meio ao pânico sexual da AIDS, na segunda metade dos anos oitenta, e já se consolidava na década seguinte. Além disso, bem antes de publicar o texto acima citado, foi em uma conferência na Califórnia, em fevereiro de 1990, que Teresa de Lauretis empregou a denominação Queer Theory para contrastar o empreendimento queer com os estudos gays e lésbicos (MISKOLCI, 2009).

A partir deste período este termo passa a descrever o trabalho de um grupo de intelectuais e sua perspectiva teórica. Assim sendo, a teoria queer passa a ser vinculada as vertentes do pensamento que problematiza e opera com a desconstrução das noções clássicas de sujeito, de identidade, e de identificação (LOURO, 2001). Para Seidman:

Os/as teóricos/as queer constituem um agrupamento diverso que mostra importantes desacordos e divergências. Não obstante eles/as compartilham alguns compromissos amplos – em particular, apoiam-se fortemente na teoria pós-estruturalista francesa e na desconstrução como um método de crítica literária e social; imaginam o social como um texto que deve ser interpretado e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes (LOURO, 2015, p. 40).

Para os/as teóricos/as queer, a oposição heterossexual/homossexual pode ser questionada e abalada por meio de procedimentos desconstrutivos. Tal proceder poderá romper com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação e a exclusão. Esta desconstrução permitirá compreender a heterossexualidade e a

homossexualidade como interdependentes. Pois, a afirmação da identidade implica a negação do seu oposto, que é constituído como sua diferença (LOURO, 2015, p. 40).

Para a socióloga Larissa Pelúcio (2014), esta teoria surgiu como argumento político e contestatório ao movimento assimilacionista de gays e lésbicas norte-americano, mas, sobretudo de gays, aos impactos sociais da AIDS. Apesar de ter sido um saber formulado no Norte Global, vai ser uma resposta atrevida das pessoas marginalizadas por uma ordem regulatória dos corpos, das sexualidades e assim também das subjetividades. Uma ordem que recusa outros arranjos sexuais e de gênero que não estejam conformados a uma moralidade burguesa, medicalizada e marcadamente eurocentrada.

A Teoria Queer, preocupa-se em analisar a dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais. Teórica e metodologicamente, os estudos queer surgiram do encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação.

Os Estudos Culturais, emergem na Inglaterra e Estados Unidos dos anos 1970\1980. Um de seus objetivos é refutar as diferenças entre alta cultura e cultura popular, buscando estudar os grupos e culturas subalternas (MISKOLCI, 2009, p. 159). Foi dentro dos Estudos Culturais que emergiram outras linhas de pensamentos: os Estudos Subalternos. As reflexões da subalternidade nascem em oposição às formulações do marxismo hegemônico, baseados no conceito de “subalternidade” cunhado por Antônio Gramsci para designar aquelas/es que não eram audíveis pelo sistema capitalista.

Estes estudos buscam se endereçar às “minorias” sexuais, raciais, de gênero, imigrantes, deficientes (BENETTI, 2013). Para Pelúcio, os saberes subalternos não consistem somente em dar voz àquelas/es que foram privados de voz, e sim, participar do esforço de “prover outra gramática, outras epistemologias, outras referências que não aquelas que aprendemos a ver como “verdadeiras” (PELUCIO, 2012, p. 399).

A Teoria Queer é parte de um conjunto que podemos chamar de teorias subalternas, que fazem uma crítica dos discursos hegemônicos na cultura ocidental. Os/as teóricos/as queer focam na análise dos discursos produtores de saberes sexuais por meio de um método desconstrutivista. Enfim, busca romper as lógicas binárias que

resultam no estabelecimento de hierarquias e subalternizações. Interrogando como as fronteiras da diferença são constituídas, mantidas ou dissipadas (MISKOLCI, 2009).

Por conseguinte, o pós-estruturalismo é uma corrente teórica que busca problematizar as concepções clássicas de sujeito e identidade. Busca igualmente romper com a concepção cartesiana e iluminista de sujeito, que separa corpo e mente. O sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório, circunstancial e em construção permanente. Ele é criado pelas instituições, pela cultura, pela política; é sempre moldável e não pré-existente (MISKOLCI, 2009, p. 152). Os principais interlocutores do pós-estruturalismo são Michel Foucault, Jacques Derrida, Deleuze, Feliz Guatarri.

Os Estudos Queer têm em sua base duas obras principais que contribuíram para pensar sua teorização: *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, de Michel Foucault, e *Gramatologia*, de Jacques Derrida. Estas duas obras têm funções muito importantes para que possamos entender o que pretende a Teoria Queer.

A intenção de Foucault neste livro, foi a de sugerir que os sexos são construídos discursivamente, a partir de uma obsessão a partir do século XVII, em regular as práticas sexuais e o que se falava sobre o sexo. Para isso criaram-se instrumentos de disciplinarização dos corpos, e o sexo é colocado no discurso. A apropriação que a Teoria Queer faz deste conhecimento é a de que com o passar do tempo e dos séculos, essa discursividade e esta vontade de saber sobre os sexos foi levada a um extremo discursivo tão excessivo, que teria contribuído para a formulação de uma heteronormatividade (BENETTI, 2013).

Desta forma, tal como foi formulada por Foucault (2005), os/as teóricos/as queer compreendem a sexualidade como um dispositivo histórico do poder⁵. Um dispositivo é um conjunto heterogêneo de discursos e práticas sociais, uma verdadeira rede que se estabelece entre elementos tão diversos como a literatura, enunciados científicos, instituições e proposições morais (FOUCAULT, 2005, p. 244).

Doravante, a contribuição de Jacques Derrida para a teoria queer se dá através de seu livro *Gramatologia*, publicado em 1967, onde trabalha com os conceitos de desconstrução e suplementariedade. É a partir do conceito de suplementariedade que

⁵ “A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder” (FOUCAULT, 2005, p. 100 apud MISKOLCI, 2009, p. 154).

conseguirmos perceber que o binarismo heterossexualidade - homossexualidade, ao invés de atuarem de forma hierárquica e repressora, na verdade existem de forma relacional. Ou seja, para Derrida todos os binarismos partem do princípio de uma complementariedade. Um depende do outro para existir. A heterossexualidade só existe, pois existe a homossexualidade para legitimá-la. Para Derrida, esta lógica binária poderia ser abalada a partir da técnica da desconstrução, que seria analisar, escavar, mudar os recursos de olhar, e subverter o lugar destes binários (BENETTI, 2013).

Os primeiros livros representativos da Teoria Queer são: *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade*, de Judith Butler, de 1990, e *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*, de Eve Kosofski Sedgwick. Em *Problemas de Gênero*, por exemplo, além de fazer uma genealogia detalhada sobre a funcionalidade do conceito de gênero para o feminismo, Butler fala pela primeira vez sobre a performatividade de gênero, este que veio a ser um dos conceitos centrais da Teoria Queer. Tratarei sobre isso mais adiante.

A Teoria Queer dentro do mundo das sexualidades trabalha com as bichas, os “viados poc poc”, as “sapatões caminhoneiras”, as travestis, drag-queens, transexuais. A Teoria Queer, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, “é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo” (MISKOLCI, 2012, p. 25).

O sociólogo Tiago Duque faz alguns alertas para estudantes interessados em começar a ler e estudar a Teoria Queer. O primeiro, vai no sentido de desconstruir a ideia de que o queer, por ser contra as identidades, se opõe aos movimentos sociais. Para ele, é equivocado pensar isso, pois, para as/os teóricas/os queer a identidade precisa ser defendida, mas não no sentido da fixidez ou da estratégia via generalizações a-históricas e essencialistas. Não se trata de abandonar as identidades, mas de reivindicá-las em outros termos. O seu compromisso político é o de evidenciar a produção de diferentes identidades não categorizáveis e a necessidade de mudar o repertório existente para que os indivíduos qualificados como menos-humanos, perseguidos, até mesmo assassinados, possam encontrar um mundo habitável e mais acolhedor (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007).

Outro alerta é para estranhar os/as defensores/as de que, por ser algo vindo de fora, a perspectiva queer não serviria para as nossas análises mais locais. Para o autor,

há uma diversificada produção acadêmica que comprova o quanto isso não é verdade, não passa de uma crítica simplista, ingênua e equivocada. Além disso, a própria ciência no Brasil, como em diversos outros países, estaria em risco de não ser legítima, afinal, sempre recorreremos a autores que não são locais e que vieram antes de nós.

Por fim, para Duque, há ainda aqueles/as que apontam para uma suposta reprodução desnecessária por parte dos/as autores/as queers de uma crítica que já se faz presente em outros teóricos das Ciências Sociais. Dito de outro modo, como se o que o queer propõe não fosse nada inovador, afinal, via outros autores se chegaria às mesmas análises. Para o autor, se isso pudesse ser tomado como verdade, isto é, que, baseados em não queers, se chegaria à mesma crítica social, há de se questionar o motivo pelo qual isso não foi feito antes. Tiago Duque não está afirmando que a única crítica possível é a de viés queer. Mas, de não desconsiderar que as reflexões queers trouxeram novas análises e de diferentes efeitos ao campo da teoria social, aqui, e fora do Brasil.

“Judith Butler e a Teoria Queer”⁶

Por que Butler? Talvez a resposta para este questionamento seja um pouco simples, resolvo falar da Judith Butler porque, no Brasil, ela é considerada uma das fundadoras da teoria queer. Assim sendo, talvez seja inevitável discorrer sobre o queer sem falar da Butler. Tentaremos apresentar, de modo muito breve, seus principais conceitos e ideias-chave, próprios do pensamento queer. A nossa intenção não é definir suas teorias, e sim apresentá-las de uma forma bem didática, uma vez que é impossível resumir sua complexa filosofia em poucas linhas. Além disso, tal como o queer, ela rejeita a definição fácil e a estabilidade.

Judith Butler é professora de retórica e literatura na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Estudou filosofia nos anos 1980, e seu primeiro livro *Subjects of desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France*, lançado em 1987, teve como foco o impacto da obra de Hegel sobre os filósofos do século XX. Seus livros subsequentes recorrem amplamente a teorias psicanalíticas, feministas e pós-estruturalistas. Em maior ou menor grau, todos os seus livros levantam questões sobre a formação da identidade e da subjetividade. Butler, preocupa-se em questionar o “sujeito”, e os processos através dos quais ele vem a existir, através de que meios são construídos e como essas construções são bem-sucedidas (ou não) (SALIH, 2015).

⁶ Neste tópico, boa parte das minhas discussões serão realizadas utilizando-se, principalmente, o livro *“Judith Butler e a teoria Queer”* da Sarah Salih, publicado pela editora autêntica em 2015.

É bem provável que aquele que se disponha a conhecer a sua obra a receba, em um primeiro momento, como uma provocação. O tema central de suas pesquisas é o “gênero”, mas, olhando de perto, gênero não é um problema do campo da “sexualidade”, é um problema político e, mais perigosamente, um problema ontológico.

Seu trabalho procura desnaturalizar as “verdades” de toda a identidade que oprima as singularidades humanas que não se enquadram nos padrões normativos, morais e sociais. As pessoas não são mais definidas como homens e mulheres, mas como praticantes de sexualidade: homossexual, heterossexual, bissexual, transexual. Sua teoria critica a associação automática do sexo biológico das pessoas à identidade de gênero e à orientação sexual delas. Ela defende a noção de que a identidade e o gênero das pessoas são mais flexíveis do que isso.

Para Butler, a identidade não tem fim, se (re)constrói constantemente. O trabalho de Butler descreve os processos pelos quais a identidade é construída no interior da linguagem e do discurso. As instituições, os discursos e as práticas nos criam, ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso gênero.

Ao ler os textos da referida filósofa, nota-se que fazer perguntas é o seu estilo preferido, e muito raramente ela lhes dá respostas. Butler não é uma pesquisadora que pretende resolver os problemas e as questões que levanta em suas análises. Ela vê a resolução como perigosamente antidemocrática, não tem a intenção de apresentar propostas, conclusões, e “pontos finais” sobre determinadas questões (SALIH, 2015). Abjeção é um dos termos mais usados por teóricas/as queer.

Butler e o seu conceito (performativo) de Gênero

Butler desfaz a distinção sexo/gênero para argumentar que não há sexo que não seja desde já e, desde sempre, gênero. Todos os corpos são “generificados” desde o começo de sua existência social, o que significa que não há “corpo natural” que preexista a sua inscrição cultural. O gênero não é algo que *somos*, é algo que *fazemos*, um ato, ou mais precisamente, uma sequência de atos (SALIH, 2015). Ela desenvolve essa ideia logo no primeiro capítulo de seu livro *Problemas de gênero*, ao afirmar que:

O gênero é a contínua estilização do corpo, **um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido** e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser. Para ser bem-sucedida, uma genealogia política das ontologias dos gêneros deverá desconstruir a aparência substantiva do gênero em seus atos

construtivos e localizar e explicar esses atos no interior dos quadros compulsórios estabelecidos pelas várias forças que policiam a sua aparência social (BUTLER, 2008, p. 33). **Negrito nosso.**

O gênero é um estilo corporal, um ato, uma “estratégia que tem como finalidade a sobrevivência cultural, uma vez que quem não “faz” seu gênero corretamente é punido pela sociedade. Em vez de partir da premissa de que o sujeito é um viajante metafísico preexistente, Butler descreve-o como um sujeito-em-processo que é construído no discurso pelos atos que executa. Ela argumenta que a identidade de gênero é uma sequência de atos, mas que não existe um ator preexistente que pratica esses atos, não existe nenhum fazedor por trás do feito (SALIH, 2015).

Assim, Butler afirmam que o gênero é um processo que não tem origem nem fim, de modo que é algo que “fazemos”, e não algo que “somos”. Butler afirma, antes de mais nada, que todo gênero é, por definição, não natural. Ela diz isso para então começar a desfazer a conexão entre sexo e gênero que muitos acreditam ser inevitável. Isto é, espera-se que alguém biologicamente fêmea, exiba traços “femininos” e num mundo heteronormativo (no qual a heterossexualidade é considerada a norma) tenha desejo por homens. Desta forma, ao falar que o gênero é “não natural” ela quer evidenciar que não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e seu gênero.

Butler torna-se extremamente enfática e repetitiva (até mesmo cansativa) em afirmar que o sexo e gênero são resultado do discurso e da lei. Ela utiliza-se da *crítica da hipótese repressiva* formulada por Foucault, que refuta o pressuposto generalizado de que a sexualidade no século XIX era reprimida pela lei. Ele argumenta que, em vez disso, a sexualidade era *produzida* pela lei e que, longe de um silêncio em torno do sexo, o que havia, no século XIX, era “a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais” (FOUCAULT, 1988, p. 22). Assim, falar sobre o sexo é um modo de, simultaneamente, produzi-lo e controlá-lo. Isso leva Butler a argumentar que, ao mesmo tempo que proíbe as uniões homossexuais/incestuosas, a lei as inventa e as provoca. A própria lei produz e proíbe.

Butler não está interessada em na busca de uma origem ou causa do gênero, mas sim em realizar uma investigação genealógica⁷ que estude os efeitos do gênero e

⁷ Ela usa a palavra no seu sentido especificamente foucaultiano para descrever uma investigação sobre o modo como os discursos funcionam e os propósitos políticos que eles cumprem.

reconheça que o gênero é um efeito. É sempre um fazer, embora não um fazer por um sujeito que se pode dizer que preexiste ao feito.

A performatividade...

Performatividade é um dos conceitos mais usados por teóricos/as queer. Foi o que mais sofreu, na obra de Butler, difusão. Nenhum outro conceito *queer* gerou tantos mal-entendidos aqui e em todo o mundo (MISKOLCI, 2007). Butler entende *performatividade* como “a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (MISKOLCI, 2007). A autora afirma que as sociedades constroem normas que regulam e materializam o sexo dos sujeitos e que essas “normas regulatórias” precisam ser constantemente repetidas e reiteradas para que tal materialização se concretize. Contudo, ela acentua que “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (BUTLER, 1999, p. 54); elas precisam ser constantemente citadas, reconhecidas em sua autoridade, para que possam exercer seus efeitos. As normas regulatórias do sexo têm, portanto, caráter performativo,⁸ isto é, tem poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam.

O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse “dado” sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo. Por exemplo, alguém com vagina teria que obrigatoriamente ser feminino, ter desejo por pessoas com pênis/masculino e ser passiva sexualmente.

Judith Butler (2010) afirma que os discursos “habitam os corpos”. Mais do que isso, os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue. E ninguém pode sobreviver sem, de alguma forma, ser carregado pelo discurso. O sexo/gênero são discursivamente construídos.⁹ Como partidária da percepção dos sexos enquanto discursos, Butler vê na nomeação, na significação das coisas, um processo de criação. A citação e a repetição fazem acontecer, isso é, produzem aquilo que nomeiam.

⁸ Judith Butler toma emprestado da linguística o conceito de performatividade, para afirmar que a linguagem que se refere aos corpos ou ao sexo não faz apenas uma constatação ou descrição desses corpos, mas, no instante mesmo da nomeação, constrói, “faz” aquilo que nomeia, isto é, produz os corpos e os sujeitos (LOURO, 2015, p. 45)

⁹ Quando Butler utiliza a palavra “discurso”, está não apenas se referindo à “fala” ou à “conversa”, mas especificamente às formulações de Foucault sobre o discurso como “grandes grupos de enunciados” que governam o modo como falamos e percebemos um momento ou momentos históricos específicos (SALIH, 2015, p. 69).

or exemplo: a partir do momento em que a medicina definiu e nomeou as figuras da *criança onanista*, do *adulto pervertido*, do *homossexual* ou da *mulher histérica*, tal ciência criou sujeitos enquadrados, especificados e significados de acordo com categorias sexuais (LOURO, 2009; BOTTON, 2015). Exemplificando de uma maneira ainda mais fácil: quando alguém é chamado de “crioulo”, “sapatão”, “traveco”, “viado” e etc, este alguém é intimado a se reconhecer nesta posição.

O queer no Brasil: breves considerações

A incorporação da Teoria Queer entre nós se iniciou – ainda que não exclusivamente – de forma mais clara, pela área da educação, portanto em uma área historicamente afeita à reflexão sobre a formação dos sujeitos. Diferentemente do que se passou nos Estados Unidos, os estudos queer entraram no Brasil pela porta das universidades e não como expressão política vinda do movimento social (MISKOLCI, 2014).

Ao fazer uma espécie de “arqueologia” dos estudos queer no Brasil, Fernando Benetti afirma que, pelo menos desde 1995 estavam sendo produzidos saberes sobre a Teoria Queer no Brasil, e pelo menos desde 1997 em alguma medida, estavam sendo publicados trabalhos em Congressos. Para o autor, desde aquela época ela está sendo estudada por diversas áreas do conhecimento. A partir daquela época diversos novos/as pesquisadores/as começam a se debruçar sobre a discussão *queer* e a contribuir no desenvolvimento destes estudos no Brasil.

Considerações Dinâmicas

Para finalizar este texto apelo para a filósofa Marcia Tiburi, que ao comentar sobre a teoria queer, afirma que tal vertente de estudos pode ajudar a pensar o lugar de todos aqueles/as que não se encaixam no padrão do homem branco e europeu. Além dos transexuais, os judeus, os negros, os árabes e até mesmo os pobres entram no campo de suas preocupações como corpos que são considerados, pelo “poder”, como desimportantes, vidas que deveriam ser corrigidas ou que não mereceriam serem vividas.

O movimento queer denuncia que são muitas as vidas que não importam. Vidas que muitos consideram que não merecem ser vividas. Seres que são tidos abjetos, a

quem até mesmo se nega o estatuto de sujeito. Seres que deslizam, que vivem na ambiguidade ou que vivem a ambiguidade (LOURO, 2015).

A teoria queer permite pensar a multiplicidade das identidades sexuais, sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder. Esta teoria provoca e perturba as formas clássicas de pensar e conhecer. Antes de querer ter a resposta ou a solução que encerra conflitos, ela quer discutir a lógica que construiu esse regime. Tal teoria é desconcertante e provocativa e, ao mesmo tempo, estranha e fascinante. Mas, sobretudo, ela faz pensar (LOURO, 2015). Como afirmou Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 107), “pensar queer significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia queer é, neste sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa”. É um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina.

Enfim, concordando com Louro (2015), a irreverência e a disposição da teoria queer me incitam a jogar com suas ideias, sugestões, enunciados e testá-los, sobretudo, no campo da História. Quero apostar em suas articulações, por em movimento o subversivo, arriscar o impensável, fazer balançar estabilidades e certezas. Não tenho qualquer garantia de conseguir sucesso nesses movimentos, mas tento ensaiá-los.

Referências:

BARROS, José D’Assunção. **Teoria da História I: princípios e conceitos fundamentais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BENETTI, Fernando José. **A bicha louca está fervendo: uma reflexão sobre a emergência da Teoria Queer no Brasil (1980-2013)**. Florianópolis: UDESC, 2013. Monografia de Conclusão do Curso de História. Disponível online em: www.pergamum.udesc.br/dadosbu/000019/000019b1.pdf.

BOTTON, Fernando Bagiotto. A construção discursiva dos sexos e da sexualidade na modernidade a partir de Butler e Foucault. **Revista Bagoas: Estudos gays, gênero e sexualidades**, Natal, v. 9, n. 13, p.177-194, jul/dez, 2015.

BUTLER, Judith. **Fundamentos Contingentes: o Feminismo e a Questão do “pós-moderno”**. Cadernos Pagu. Campinas. Volume 11. 1998, p. 11 - 42

_____. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008

_____. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.

_____. **O Parentesco é sempre tido como heterossexual?** Cad. Pagu, Campinas, n. 21, 2003.

COLLING, Leandro. Teoria Queer. In: **Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>. Acesso em 13 de março de 2013.

DUQUE, Tiago. Corpo, Estado e Militância, ou sobre aquilo que você precisa saber antes de começar a ler uma puta teoria. **Revista Florestan Fernandes**. Dossiê Queer. v. 2, 2014, p. 46-66.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

LUGARINHO, M. Como traduzir a teoria queer para a língua portuguesa. **Revista Gênero**, vol. 1, n. 2, p. 33-40, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. **Revista Estudos Feministas**. V.9 n. 2. Florianópolis: IFCH, 2001.

_____. Foucault e os estudos queer. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, R. **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 135-142.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. **Educação e Saúde: aprendizados**. São Paulo: SESC, 2015. (Palestra).

MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: nota introdutórias sobre Teoria Queer. **Revista Florestan Fernandes**. Dossiê Teoria Queer. v. 1 n. 2, p. 08-25, 2014.

_____. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, URGs, n. 2, 2009, p. 150-182.

_____. Um saber insurgente ao sul do Equador. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 01-25, maio/out, 2014.

_____; PELÚCIO, Larissa. Fora do Sujeito e Fora do Lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. **Gênero**, vol. 07, Niterói-RJ, UFF, 2007, pp.257-267.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? **Revista Periódicus**, v.1, n.1, mai-out 2014, p. 68-91. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150/7254>. Acessado em 20 de jul. 2014.

_____. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. **Revista Florestan Fernandes**. Dossiê Queer. v. 2, 2014, p. 26-45.

PEREIRA, Pedro Paulo. Queer nos trópicos. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, p. 371-394.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria Queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Recebido em: 23/11/2016

Aprovado em: 20/12/2016